

O Pensamento Decolonial: Conceitos para Pensar uma Prática de Pesquisa de Resistência

Elizabeth de Souza Oliveira^I
Marizete Lucini^{II}

Resumo: Neste artigo, objetivamos dialogar sobre alguns conceitos do pensamento decolonial. Para tanto, nos propomos a percorrer os escritos dos autores que compõem o grupo Modernidade/Colonialidade (M/C) e que também propalaram alguns dos conceitos essenciais para a decolonialidade, versando sobre a diferenciação entre colonialismo e colonialidade, modernidade e colonialidade, como também sobre a constituição da tríade conceitual modernidade/colonialidade/decolonialidade. Nesse diálogo, também abordaremos sobre a colonialidade do poder, do ser, do saber e da natureza, atrelando a ideia de raça como estruturante do pensamento colonial para a subalternização dos povos colonizados. A conversa aqui iniciada não pretende dar-se por findada, mas, sim, permanecer em aberto com a possibilidade de que sejam instigadas novas iniciativas de pesquisa por essas ou outras categorias e conceitos que constituem o pensar pela decolonialidade.

Palavras-chave: Colonialidade; Decolonialidade; Modernidade; Pensamento decolonial. Raça.

Decolonialthinking: Concepts for thinking a resistanceresearchpractice

Abstract: In this article, we aim to dialogue about some concepts of decolonial thinking. Therefore, we propose to go through the writings of the authors who make up the Modernity/Coloniality group (M/C) and who also propagated some of the essential concepts for decoloniality, writing about the differentiation between colonialism and coloniality, modernity and coloniality, as well as on the constitution of the modernity/coloniality/decoloniality conceptual triad. In this dialogue, we will also address the coloniality of power, being, knowledge, and nature, linking the idea of race as the structuring of colonial thought for the subordination of colonized peoples. The conversation initiated here does not intend to end, but rather to remain open with the possibility that new research initiatives will be instigated by the self or Other categories and concepts that constitute thinking through decoloniality.

Keywords: Coloniality; Decoloniality; Decolonialthinking; Modernity; Race.

Artigo recebido em 06/09/2020 e aceito em 29/09/2020

O PENSAMENTO DECOLONIAL: CONCIETOS PARA PENSAR UMA PRÁTICA DE PESQUISA DE RESISTÊNCIA

ELIZABETH DE SOUZA OLIVEIRA
MARIZETE LUCINI

Primeiras palavras

Neste artigo, objetivamos identificar algumas das categorias e conceitos do pensamento decolonial^{III}. Para tanto, nos propomos a delinear a diferenciação entre colonialismo e colonialidade, modernidade e colonialidade, e a constituição da tríade modernidade/colonialidade/decolonialidade, bem como sobre as formas de colonialidade do poder, do saber, do ser e da natureza atrelando a construção da ideia de raça como fundamento do pensamento colonial.

Para isso, organizamos esta escrita a partir de autores que, em sua maioria, constituem o grupo modernidade/colonialidade e introduziram alguns dos conceitos importantes para o entendimento da decolonialidade. Entre eles inserem-se: o sociólogo peruano Aníbal Quijano, a pedagoga da decolonialidade Catherine Walsh, o sociólogo Immanuel Wallerstein, o filósofo Nelson Maldonado-Torres, o semiólogo Walter Mignolo, o sociólogo Ramón Grosfoguel e os clássicos do pensamento negro produzidos por Aimé Césaire e Frantz Fanon.

Em um primeiro momento, apresentaremos o significado de decolonialidade e o que Maldonado-Torres entende por atitude decolonial como constituinte da decolonialidade. Após este momento, identificaremos as diferenças entre colonialidade e colonialismo, pois ambas são necessárias para entender a decolonialidade, tal como colonialidade e modernidade se fazem essenciais. Dentro do tópico que trataremos da colonialidade e modernidade, buscaremos apresentar a tríade Modernidade/Colonialidade/Decolonialidade.

Com o entendimento da colonialidade, passaremos para o diálogo sobre a colonialidade do poder, conceito difundido por Aníbal Quijano, e por meio desta categoria apresentaremos a colonialidade do saber, do ser, da natureza, como também a ideia de raça. Após este momento, dialogaremos com Immanuel Wallerstein sobre o sistema-mundo moderno em que vivemos, pois o sistema-mundo mostra-se como uma categoria muito utilizada para o entendimento das relações entre colônia e metrópole, ou melhor, centro-periferia.

O pensamento decolonial e a atitude decolonial

A decolonialidade é um termo que emergiu da necessidade de ir além da ideia de que a colonização foi um evento acabado, pois entende-se que este foi um processo que teve/tem continuidade, mesmo tendo adquirido outras formas^{IV}. Por esse motivo, os estudiosos entenderam a necessidade de ampliar categorias e conceitos adequados à América Latina como uma iniciativa de desenvolver estudos acadêmicos dedicados a esta problematização.

No entanto, a decolonialidade é, principalmente, um termo que significa “resistance and refusal”^V como assevera Catherine Walsh^{VI}. Ou seja, deve ser uma luta contínua contra as colonialidades impostas aos grupos subalternos, como vemos a seguir^{VII-VIII-X}:

Decoloniality necessarily follows, derives from, and responds to coloniality and the on going colonial process and condition. It is a form of struggle and survival, na epistemic and existence-based response and practice—most especially by colonized and racialized subjects—Against the colonial matrix of power in all of its dimensions, and for the possibilities of another wise.^{XXI}.

O PENSAMENTO DECOLONIAL: CONCIETOS PARA PENSAR UMA PRÁTICA DE PESQUISA DE RESISTÊNCIA

ELIZABETH DE SOUZA OLIVEIRA
MARIZETE LUCINI

O entendimento da decolonialidade como meio de denúncia, de luta, mas também como teoria, conceitos e categorias no desenvolvimento da experiência histórica tem origem nos fins do século XX, quando um grupo de estudiosos percebeu que para estudar o colonialismo na América Latina e no Caribe havia a necessidade de se ter conceituações e categorias próprias, como apontamos. Isto porque se entendeu que as formas de colonização se deram de maneiras diferentes em determinados territórios.^{XII}

A decolonialidade surge do rompimento com o pensamento pós-colonial que, até então, desenvolvia trabalhos com conceituações e categorias voltadas para o processo de colonização na África e Ásia entre os séculos XVIII e XX. Esses estudiosos também romperam com o Grupo Latino-Americano dos Estudos Subalternos, uma vez que eles criticavam o fato de o grupo não desenvolver uma análise crítica sobre o colonialismo na América Latina a partir dos fatos latino-americanos, mas sim a partir das perspectivas dos indianos.^{XIII}

A argumentação na defesa de um pensamento decolonial pelo grupo Latino-Americano, como é apontado por Bernadino-Costa e Grosfoguel^{XIV}, era a de que só se poderia analisar devidamente o colonialismo na América Latina a partir de categorias e conceitos próprios, assim como o entendimento de que o colonialismo na América Latina foi diferente do que ocorreu com os Indianos. Com tais divergências teóricas, houve o rompimento e consequentemente a formação do Grupo (ou projeto de investigação) Modernidade/Colonialidade. Este grupo é, por sua vez, outra derivação do pós-colonialismo.^{XV}

Dessa forma, os estudiosos latino-americanos se reuniram e criaram o grupo Modernidade/Colonialidade (M/C) no final da década de 1990.^{XVI} Dada sua formação, os estudiosos pautaram o pensamento decolonial e dialogaram com os trabalhos que já vinham sendo produzidos por latino-americanos. Exemplo disto são os autores: Aníbal Quijano com a colonialidade do poder, Ernesto Dussel e a filosofia da libertação, Immanuel Wallerstein com a teoria do sistema-mundo, entre outros. Além dos clássicos do pensamento negro já produzidos, como os de Frantz Fanon e Aimé Césaire.

Segundo Mignolo^{XVII}, o pensamento decolonial tem sua origem a partir da modernidade/colonialidade, ou seja, do século XVI. Walsh^{XVIII}, em consonância com a assertiva de Mignolo, entende que a decolonialidade como história e práxis existe há mais de 500 anos por meio de lutas, ações, resistências contra os padrões de poder.

Este pensamento decolonial, por sua vez, é ocasionado pelo “giro decolonial” que se refere ao ato de abrir o pensamento ou, como Mignolo^{XIX} se refere, é o ato de se “desprender da camisa de força” para outras formas de vida fora da naturalização da ilusão que é a modernidade e seu lado mais obscuro, a colonialidade, seja ela do poder (a matriz colonial do poder que é capitalista) ou das suas derivações: do saber, do ser e da natureza.^{XX}

Para Maldonado-Torres^{XXI}, o giro decolonial tem relação, ainda, com a atitude decolonial. Para ele, o giro decolonial é, em linhas gerais, a consciência que o sujeito tem em relação a sua realidade e as suas possibilidades frente ao “proyecto de muerte y deshumanización modernos”.^{XXII} É a consciência da colonização como parte da modernidade. Logo, o giro decolonial é essencial para a decolonização, mas o autor adverte que o giro decolonial é constituído pela atitude decolonial.^{XXIII}

A atitude decolonial é o “grito de espanto” que ocorre individualmente, ou seja, é a atitude do próprio sujeito frente ao horror da colonialidade em busca de mudanças quanto às colonialidades do saber, do ser e do poder. Maldonado-Torres^{XXIVXXV} afirma que “El cambio de la actitud natural racista o individualista de la modernidad a la actitudes-colonial de

O PENSAMENTO DECOLONIAL: CONCIETOS PARA PENSAR UMA PRÁTICA DE PESQUISA DE RESISTÊNCIA

ELIZABETH DE SOUZA OLIVEIRA
MARIZETE LUCINI

cooperación em la ruptura com el mundo de la muerte colonial es el momento más fundamental del giro des-colonial.”^{XXVI}. Portanto, sem a atitude decolonial, assinala o autor, não há mudança no mundo por meio da decolonização, pois a primeira mudança é a do próprio sujeito com o “grito de espanto”.^{XXVII-XXVIII}.

Colonialismo e Colonialidade

Entender a decolonialidade requer o entendimento do significado de colonialidade, tal como a diferença do conceito de colonialidade e colonialismo, como nos alertam Mignolo^{XXIX} e Restrepo e Rojas^{XXX}. Segundo Mignolo^{XXXI}, pensar em colonialidade é em si uma derivação do pensamento decolonial, assim, é o ato de questionar a colonialidade que caracteriza o pensamento decolonial. Essa colonialidade é a continuidade de um processo colonizador amplo e que está presente nos nossos dias atuais dentro de um sistema-mundo^{XXXII} moderno. Esta colonialidade se expressa, principalmente, por meio da pobreza e da opressão sofrida pelos colonizados.^{XXXIII-XXXIV-XXXV-XXXVI}

No entanto, o conceito colonialidade, segundo Bernadino-Costa e Grosfóguel, foi trabalhado explicitamente por Immanuel Wallerstein e retomado por Aníbal Quijano que chamará de “colonialidade do poder”.^{XXXVII} Wallerstein^{XXXVIII}, que também difundiu o conceito de sistema-mundo^{XXXIX}, conceitua a colonialidade como parte do colonialismo, mas que vai além dele. Ainda elucida que a colonialidade se estabelece como uma hierarquia política e sociocultural e, mesmo com a independência dos países colonizados, ela continua presente até os dias atuais como:

[...] el producto y la justificación de las desigualdades entre las zonas centrales y las zonas periféricas de la economía - mundo capitalista. Se manifiesta política, económica y culturalmente, em nuestra forma de pensar, hablar y proceder. La colonialidad se reproduce a sí mismo, pese a que las personas que se encuentran en los niveles más bajos de la jerarquía a la que se les trata, obviamente, de luchar contra ella.^{XL-XLI}

Diante desta conceituação de Wallerstein, os estudiosos da decolonialidade retomaram-na e também fizeram complementações a partir de novas categorias. Neste caso, temos Aníbal Quijano que retoma este conceito, mas que o entende como “colonialidade do poder”. Para Quijano, a colonialidade do poder é um dos “elementos constitutivos e específicos do padrão mundial de poder capitalista”. Este, portanto, é o controle da economia e da política.^{XLII}

O colonialismo, por sua vez, se refere ao processo e ao sistema colonial em si e que foi empregado para dominação e exploração do trabalho e das riquezas dos colonizados. Quando Mignolo^{XLIII} escreve sobre o colonialismo, utiliza o dicionário, pois, para ele, há uma dificuldade em conceituar o colonialismo, já que o confundem com o imperialismo.

No entanto, a partir dos verbetes que Mignolo^{XLIV} aponta, fica evidente a diferença na etimologia. Enquanto colonialismo vem de “colonus”, que é latim e significa “fazendeiro”, imperialismo vem de “imperium”, significando “comando”. Em vista disso, segundo o verbete explorado por Mignolo, o primeiro envolve transferência da população para um território novo com a manutenção de uma relação de fidelidade política; já o segundo envolve o exercício de poder que determinado país tem sobre o outro, “whether through settlement, soverignty, or indirect mechanisms of control.”^{XLV}. Diante desta explanação, o autor considera

O PENSAMENTO DECOLONIAL: CONCIETOS PARA PENSAR UMA PRÁTICA DE PESQUISA DE RESISTÊNCIA

ELIZABETH DE SOUZA OLIVEIRA
MARIZETE LUCINI

o colonialismo como uma prática que envolve dominação e, por conseguinte, a subjugação de um povo por outro, um sistema que é complemento do imperialismo.^{XLVI}

Como falamos acima, os estudiosos da decolonialidade retomam conceituações que já estavam em circulação, o que inclui os clássicos. Aimé Césaire^{XLVII} produziu um texto que se tornou um clássico do pensamento negro intitulado “Discurso sobre o Colonialismo”, no qual desenvolve o conceito de colonialismo. Césaire, autor que refletiu e expressou a sua revolta diante da realidade vista e sentida na própria pele, conclui que o colonialismo não altera somente o colonizado quando estes são dominados e explorados, mas também o colonizador.

Para o autor, essa alteração que ocorre com o colonizador no ato de empreender a destruição pela exploração e genocídio é o “asselvajamento”, o descivilizar do colonizador. Exemplo disto, para Césaire, é Hitler, o “demônio” dos europeus, criado por eles mesmos. Mas Césaire pontua ainda que Hitler assim o é para os europeus, pois o seu crime foi contra os brancos por meio de um processo de cunho colonialista. Dito isso, para Césaire^{XLVIII}, ambos os envolvidos neste sistema de “coisificação” do colonizado são sujeitos da situação colonial, sendo a Europa indefensável na busca pela dita “civilização dos povos ‘primitivos’”.

Em mesmo tom denunciador, Frantz Fanon em “Os Condenados da Terra”, publicado em 1961, considera que a prática colonial é permeada pela violência aque, através da polícia e do soldado, oprime o colonizado por uma agressividade pura, admitindo, portanto, uma lógica que compartimenta o mundo em dois. Nas palavras de Fanon:

A violência com que se afirmou a supremacia dos valores brancos, a agressividade que impregnou o confronto vitorioso desses valores com os modos de vida ou de pensamento dos colonizados, fazem com que, por uma justa inversão das coisas, o colonizado os escarneça quando se evocam na sua presença esses valores.^{XLIX}

Essa compartimentação admite, ainda, um mundo que é caracterizado pela saciedade e o outro pela fome, em que o primeiro é “uma cidade iluminada”, e o segundo, pela lógica implantada pelo colonizador, é constituído por homens “de má fama.”^L Fanon declara que a lógica do processo colonizador faz com que os colonizados tenham o desejo de ser colono. Ou seja, o colono violentou profundamente o colonizado, causando “destruição das formas sociais indígenas, demoliu sem restrições os sistemas de referências da economia, os modos de aparência, a roupa.”^{LI}

Colonialidade e modernidade

Assim como é importante entender os conceitos “colonialidade” e “colonialismo” para a apreensão da decolonialidade, também é essencial assimilar a relação entre colonialidade e modernidade. Dussel^{LII}, ao tratar sobre a modernidade como iniciativa de desconstruir a visão eurocêntrica da modernidade, assinala que ela compreende dois momentos, o primeiro entre o século XV e XVI, e o segundo no século XVIII.

A primeira modernidade se assinala com o mercantilismo mundial ocorrido no fim do século XV e início do século XVI, enquanto que a segunda se inscreve pela Revolução Industrial do século XVIII e a ilustração. Esta segunda etapa, no entanto, é assinalada por Dussel^{LIII} como uma consequência e não ponto de partida como a visão eurocêntrica considera. Com esta perspectiva, o autor elenca que não necessitamos, pois, explicar a

O PENSAMENTO DECOLONIAL: CONCIETOS PARA PENSAR UMA PRÁTICA DE PESQUISA DE RESISTÊNCIA

ELIZABETH DE SOUZA OLIVEIRA
MARIZETE LUCINI

modernidade pelos processos europeus, mas pela contextualização do sistema-mundo, partindo, por exemplo, da teoria centro/periferia.

No entanto, para além desta iniciativa decolonial de rever conceitos e categorias que partam da América Latina e não somente da Europa, pensar a colonialidade para entender a decolonialidade requer também a discussão da categoria modernidade e sua vinculação à colonialidade.

A ideia de modernidade, segundo autores como Quijano^{LIV} e Mignolo^{LVI}, apresenta-se como indissolúvel à ideia de colonialidade. Dessa forma, Mignolo^{LVII} assevera que a colonialidade é parte da mesma moeda da modernidade, mas apresentando-se como o lado obscuro, uma vez que é por ela que a colonialidade emerge como meio de manter o sistema-mundo moderno/colonial capitalista implantado com o sistema colonial. Por esse motivo há o uso específico da “/” (barra) entre a modernidade e a colonialidade, pois os dois termos complementam-se, ou seja, o primeiro só ocorre com a existência do segundo, e o segundo pela existência do primeiro.

A modernidade, portanto, apresenta-se como salvação, progresso, civilização, desenvolvimento, ou seja, a modernidade esconde o lado obscuro do sistema-mundo moderno capitalista que apresentamos no tópico anterior. Mignolo atribui à modernidade a característica de “monstruo de três cabezas”.^{LVIII}, mas destas três cabeças só exhibe a “retórica de salvación y progreso”.^{LIX}.^{LX}

Uma dessas cabeças é a modernidade, enquanto que as outras duas são a colonialidade e a decolonialidade, as quais a modernidade esconde. Logo, a colonialidade além de apresentar-se como a pobreza, a opressão, a subjugação dos subalternos, atrela-se tanto a artifícios que colonizam o saber e o ser por meio de um discurso eurocêntrico^{LXI} (etnocentrismo^{LXII} e sociocentrismo^{LXIII}, o eurocentrismo é a combinação destes e ambos resultam na inferiorização do outro), como também pela disseminação da compartimentação do mundo pela ideia de raça.

Estas “três cabeças” formam o que Mignolo^{LXIV} chama de tríade modernidade/colonialidade/decolonialidade. A decolonização é a terceira cabeça oculta da modernidade, ou seja, a continuidade da modernidade/colonialidade^{LXV}, que para Mignolo^{LXVI} “es entonces la energia que no se deja manejar por la lógica de la colonialidad ni se cree los cuentos de hadas de la retórica de la modernidad.”^{LXVII}. Dessa forma, para o autor, tal qual a perspectiva de Walsh^{LXVIII}, a decolonialidade aparece em forma de movimentos sociais e protestos, ou seja, é a luta contra a colonialidade, a modernidade e o sistema-mundo moderno capitalista.

Colonialidade do poder

Assimilado o conceito de colonialidade e colonialismo, assim como modernidade/colonialidade/decolonialidade, voltemos ao conceito de colonialidade do poder, que já foi mencionado anteriormente, para maiores detalhamentos. Segundo Mignolo^{LXIX}, e Walsh^{LXX}, este conceito foi difundido por Quijano em 1989, mas depois foi utilizado e também complementado pelos estudiosos que integram o Grupo M/C.

Para Quijano^{LXXI}, a colonialidade do poder refere-se ao controle político e econômico sendo, portanto, fundamental na estruturação do sistema-mundo moderno que se formou e se consolidou com o sistema colonial e que se mantém em continuidade. Por meio desta colonialidade do poder, segundo Mignolo 2003^{LXXII} e Quijano^{LXXIII}, há uma estruturação de

O PENSAMENTO DECOLONIAL: CONCIETOS PARA PENSAR UMA PRÁTICA DE PESQUISA DE RESISTÊNCIA

ELIZABETH DE SOUZA OLIVEIRA
MARIZETE LUCINI

outras formas de colonialidade/modernidade que serve de base para a manutenção do sistema-mundo capitalista.

Nas palavras dos autores Restrejos e Rojas^{LXXIV}, ao sintetizar o significado de colonialidade do poder por meio das produções do Grupo Modernidade/Colonialidade, significa que a:

[...] colonialidad es un patrón o matriz de poder que estructura el sistema mundo moderno, em el que el trabajo, las subjetividades, los conocimientos, los lugares y los seres humanos del planeta son jerarquizados y gobernados a partir de suracialización, em el marco de operación de cierto modo de producción y distribución de la riqueza.^{LXXV LXXVI}

Portanto, a colonialidade do poder é contínua e marca a economia e política no sistema-mundo moderno. Mignolo^{LXXVII}, ao retomar a categoria conceitual “Colonialidade do Poder”, entende que os termos “colonialidade” e “colonialidade do poder” são apenas abreviações do termo “padrão colonial de poder” (difundido por Aníbal Quijano) que, para ele, inscreve-se como “Matriz Colonial de Poder”. Assim o traduz, pois considera que a matriz “[...] is a set of structural relations and flows constitutive of na entity (conceptual and mechanic, like in the film The Matrix.)”.^{LXXVIII LXXIX}.

A comparação que o autor faz com o filme “The Matrix” torna didático o entendimento do termo. Ao empreender a comparação, Mignolo nos aponta que a realidade criada pelas máquinas no filme é uma ilusão equivalente à modernidade que os humanos (colonizadores) conceberam e reafirmaram, enquanto que, ao criarem esta ilusão (modernidade), as máquinas estão explorando os humanos (colonizados) em relação ao corpo (trabalho), à biosfera (água, terra e oxigênio) e ao cosmos (luz solar e lunar). Para além destes modos de explorar o ser humano, Mignolo refere-se ainda à criação de uma instância que faz com que os humanos se sintam observados, o que seria, portanto, o Deus Cristão e as observações filosóficas/científicas.^{LXXX}. A matriz é, portanto, a estruturação de um esquema no qual a minoria exerce o poder e regula a vida da maioria.

Os estudiosos, no entanto, consideram que a colonialidade do poder possui níveis que se entrelaçam e completam a sua estruturação, permitindo que o padrão (Quijano), ou a matriz (Mignolo), seja mantido. Estes níveis foram e são exercidos pela colonialidade do saber, do ser, da natureza e dos recursos naturais. Dito isto, Mignolo^{LXXXI}, ao tratar destas formas de controle, explana que estas colonialidades mantêm e derivam da colonialidade do poder. Elas constituem-se no pensamento dos colonizados e legitimam as diferenças sociais, culturais, epistêmicas, etc. É diante destas que emerge a ideia de raça como forma de subjugar os grupos colonizados. Tratemos, pois, destas colonialidades separadamente.

A colonialidade do saber, segundo Restrejo e Rojas^{LXXXII}, consiste no “gobierno de los otros y de sí em nombre de la verdade producida por el saber experto (del teólogo, filósofo, gramático o científico).”^{LXXXIII LXXXIV}. Assim, a colonialidade do saber fundamenta-se no eurocentrismo, uma vez que este não admite a coexistência de vários saberes, culturas, modos de vida que não sejam ocidentais, aliando-se, portanto, a artifícios que reprimem as epistemes ‘outras’, como a invisibilização, negação, folclorização, ou seja, a estereotipação dos saberes de outros povos.

Para Quijano^{LXXXV}, o eurocentrismo (fenômeno que remonta ao século XVII) torna possível a inferiorização de outras formações culturais e constitui-se por meio de operações intelectuais que são manipuladas a partir da colonialidade do poder. Logo, esse mecanismo cria: o dualismo (ex.: primitivo e civilização, isto também é chamado de perspectiva binária),

O PENSAMENTO DECOLONIAL: CONCIETOS PARA PENSAR UMA PRÁTICA DE PESQUISA DE RESISTÊNCIA

ELIZABETH DE SOUZA OLIVEIRA
MARIZETE LUCINI

a naturalização quanto à ideia de diferenças culturais a partir do entendimento de raça (não somente pela cor de pele como falaremos adiante), e também o desenvolvimento da ideia de que o que é primitivo ficou no passado. Em mesmo segmento, Mignolo^{LXXXVI} descreve que todos nós estamos imersos em uma colonialidade do saber:

Esto es, el de llevarnos a aceptar que no existen otras formas de pensamiento, de teoría política o de política económica, de ontología que la del ser ni de ciencia que la de la Historia que conduce desde Copérnico a la guerra de las galaxias y desde Hipócrates a la genómica.^{LXXXVIII}

Portanto, a colonialidade do saber significa o condicionamento do ser na perspectiva de que não há outras epistemes, ou seja, é a impossibilidade de ver a episteme, a filosofia e a ciência além do modo universal^{LXXXIX}. Em linhas gerais, é o controle da subjetividade e do conhecimento.

A colonialidade do ser surge do entrelaçamento do poder e do conhecimento, e assim é, segundo Maldonado-Torres^{XC}, a forma em que o processo colonizador vai refletir na subjetividade do ser e na experiência vivida. Para Mignolo^{XCI}, esta colonialidade do ser vai além do controle da subjetividade, pois há também o controle da sexualidade e dos papéis de gênero, inscrevendo-se, portanto, em um controle ontológico.

Walsh^{XCII} segue a mesma linha desses autores e acrescenta que a colonialidade do ser é importante dentro da matriz colonial do poder, atuando como uma força na manutenção e relação entre a colonialidade do poder e do saber, pois ela nega aos subalternos a sua condição como pessoa. Para exemplificar a situação de marginalização que a matriz de poder relega ao ser (ou à comunidade), Walsh cita Frantz Fanon com a ideia de colonialismo como condutor da noção de não humanidade, como também cita o relato de Juan García, no qual ele aponta que, ao ter o seu conhecimento e sua terra negados, passou a pensar que não é uma pessoa. Este é, portanto, o artifício de invisibilizar e discriminar o ser.

A colonialidade da natureza e dos recursos naturais, por fim, pode ser considerada, segundo Mignolo^{XCIII}, como mais um âmbito de controle, e não somente como uma parte intrínseca do controle econômico. Em vista disso, a colonialidade, assinala Mignolo:

[...] envolveu a “natureza” e os “recursos naturais” em um sistema complexo de cosmologia ocidental, estruturado teologicamente e secularmente. Também fabricou um sistema epistemológico que legitimava os seus usos da “natureza” para gerar quantidades maciças de “produtos” agrícolas, primeiro, e quantidades maciças de “recursos naturais” após a Revolução Industrial. O primeiro ainda foi o período da regeneração; com o segundo, entramos no período da reciclagem. A revolução industrial e tecnológica também possibilitou a industrialização de “produtos” agrícolas e a mercantilização do alimento e da vida.^{XCIV}

Walsh^{XCIV} afirma que esta colonialidade deve ser entendida por meio da dicotomia “natureza e sociedade” que foi uma imposição, assim como a promoção pela sua ruptura da dicotomia “humanos e sobrenaturais (espirituais)”.^{XCVI} Estas colonialidades se constituíram com o sistema colonizador e o projeto civilizatório, e têm por característica principal o fato de persistirem a cada nova década, uma vez que eram e ainda são “sucessivas e cumulativas” como formas de controle criadas para a subjugação de povos subalternos. Este controle, por sua vez, dialoga com o padrão de poder colonial para manutenção de uma lógica centro-periferia na qual o capitalismo apresenta-se como economia-mundo que funciona pela dominação do ser, do saber, da natureza.^{XCVII}

O PENSAMENTO DECOLONIAL: CONCIETOS PARA PENSAR UMA PRÁTICA DE PESQUISA DE RESISTÊNCIA

ELIZABETH DE SOUZA OLIVEIRA
MARIZETE LUCINI

Conhecidas as formas de controle que o padrão de poder mobiliza para a dominação dos subalternos, passaremos para a ideia de raça que se construiu e permeou todas estas formas de colonialidade para inferiorizar e subjugar o outro.

A conceituação de raça pelo pensamento decolonial

Segundo Quijano^{XCVIII}^{CIX}, a ideia de raça é intrínseca à colonialidade do poder, sendo fundante do processo colonizador. O autor faz essa afirmação pelo emprego da colonialidade do poder e a emergência da inserção de um padrão de poder em escala mundial, que se traduz em um sistema-mundo moderno sob uma economia-mundo capitalista, que inicia o processo de subalternização e obliteração dos dominados. Essa dominação, portanto, impõe a ideia de raça como forma de subjugar. Ou seja, além da dominação do conhecimento, do ser, da natureza e dos recursos naturais, “la idea de raza fue un modo de otorgar legitimidad a las relaciones de dominación impuestas por la conquista.”^{CCI}.

No entanto, segundo Quijano^{CII}, a ideia de raça, racialização ou racismo não foi vinculada somente à ideia de cor da pele, mas também em relação à capacidade mental, desenvolvimento cultural e histórico. Dessa forma, as práticas que se desenvolveram com a constituição do padrão de poder capitalista correspondem a um processo histórico, nas palavras do autor, “raza e identidad racial fueron establecidas como instrumentos de clasificación social básica de la población.”^{CIICIV}.

A ideia de raça, para o autor, remonta ao século XVI, aprofundando-se no século XIX com o desenvolvimento do capitalismo moderno. Logo, a constituição teórica de raça teve desenvolvimento com a chegada do europeu à América e, conseqüentemente, naturalizou-se a ideia de raça como forma de legitimar as práticas antigas, como também a de pôr o europeu como superior. Em vista disso, Quijano afirma que:

Desde entonces há demostrado ser el más eficaz y perdurable instrumento de dominación social universal, [...] raza se convirtió em el primer criterio fundamental para la distribución de la población mundial en los rangos, lugares y roles em la estructura de poder de la nueva sociedad. E notros términos, em el modo básico de clasificación social universal de la población mundial.^{CVCVI}.

Conhecidas algumas das categorias e conceitos do grupo M/C, trataremos em linhas gerais sobre a conceituação de sistema-mundo moderno de Immanuel Wallerstein. Este conceito já foi mencionado algumas vezes, e a sua ideia-chave de centro periferia permeia muitas das ideias dos estudiosos do Grupo Modernidade/Colonialidade.

O Sistema-Mundo Moderno em que vivemos

O conceito de sistema-mundo foi retomado explicitamente por volta de 1970 em meio aos questionamentos em torno da estruturação do conhecimento que foi ocasionado, segundo Wallerstein^{CVII}, pela “[...] intelectual upheaval was followed by the cultural shock of the revolutions of 1968.”^{CVIII}. Em vista disso, as ciências sociais reavaliaram os seus conceitos, principalmente quanto aos grupos negligenciados anteriormente, entre eles: as populações indígenas, a mulher e grupos “minoritários”, etc.^{CIX}.

O PENSAMENTO DECOLONIAL: CONCIETOS PARA PENSAR UMA PRÁTICA DE PESQUISA DE RESISTÊNCIA

ELIZABETH DE SOUZA OLIVEIRA
MARIZETE LUCINI

Segundo o autor, este conceito de sistema-mundo encontra-se dentro das variações dos “Sistemas Históricos”, que ao todo são três: minissistemas e sistema-mundo, este último compreendendo o tipo de economia-mundo (termo pautado por Braudel) e império-mundo. A necessidade do hífen, segundo Wallerstein, se faz pela iniciativa de distinguir a concepção a que se refere quando ele está presente. Então, o uso do hífen é para tratar “[...] about systems, economies, empires that are a world (but quite possibly, nadindeed usually, not encompassing the entire globe).”^{CXCXI}.

Diante dessa perspectiva, o autor, em suas análises, aponta que a partir do século XVI estamos vivendo em um sistema-mundo moderno^{CXII} sob a forma de uma economia-mundo capitalista^{CXIII}. Conforme Wallerstein assinala, existiram outras organizações da economia-mundo, no entanto, a capitalista é a que possui uma longa duração^{CXIV}, estruturando-se necessariamente em estados sob um sistema interestatal e na existência de uma periodicidade quanto à hegemonia do poder.

Estas características de uma economia-mundo capitalista têm ainda como fatores a intervenção do Estado e a constituição de instituições que se movimentam para fornecer as bases necessárias para a continuidade desse sistema-mundo moderno. A principal e fundamental característica do capitalismo é a instituição ‘mercado’. Esta é a base para as outras instituições, como a família, classes e os grupos de status (ou estamentos, na perspectiva weberiana) ou identidades.

A diferença entre os dois últimos, segundo o autor, é que o primeiro é o modo como os membros deste grupo são percebidos pelos outros, enquanto que o segundo se refere ao modo como eles mesmos se percebem. Logo, “These status-groups or identities are the numerous “peoples” of which all of us are members-nations, races, ethnic groups, religious communities, but also genders and categories of sexual preferences.”^{CXVCXVI}.

Ainda como características fundamentais da economia-mundo capitalista que foram engendradas com a modernidade^{CXVII}, inscrevem-se a acumulação de riqueza que, por sua vez, é contínua e sem fim, e a divisão do trabalho. Esta última, de acordo com Wallerstein, se divide a partir do conceito relacional de centro-periferia. Logo, a diferença entre o produto produzido pelo centro e o produto da periferia é a rentabilidade no processo de produção. Ou seja, os países que se inserem no centro têm maior rentabilidade, pois os seus produtos estão inseridos em um quase-monopólio (neste, o Estado interfere fortemente para a sua manutenção).

Já os países que se inserem na periferia têm menor rentabilidade e maior competição no mercado (a competição é uma característica fundamental da economia-mundo capitalista). Há, ainda, os países semiperiféricos, estes são os que possuem um misto no processo de produção, ou seja, estão entre o centro e a periferia, almejando alcançar a posição de centro. Para isso, há uma maior intervenção do Estado com políticas protecionistas para auxiliar as empresas.

Dito isto, voltemos à discussão sistema-mundo e dos estados que são considerados colônias. Wallerstein aponta que os estados pobres, ou seja, os países periféricos, de acordo com a conceituação de centro-periferia, são todos os quais chamamos de colônias. Estas colônias são, por sua vez, “administrative units that are defined as non-sovereign and fall under the jurisdiction of another state, normally distant from it.”^{CXVIII}^{CXIX} Dessa forma, estas colônias modernas são iniciadas com a expansão da economia do sistema-mundo (Europa) em um processo no qual os países do centro incorporam novas zonas (as colônias).

O PENSAMENTO DECOLONIAL: CONCIETOS PARA PENSAR UMA PRÁTICA DE PESQUISA DE RESISTÊNCIA

ELIZABETH DE SOUZA OLIVEIRA
MARIZETE LUCINI

Concluindo, esta incorporação se faz por meio do estabelecimento de um regime colonial que se configura pela introdução de processos semelhantes aos que moldam o centro. Assim, é característica desse regime colonial a distribuição de terra entre as pessoas da metrópole e o envio de pessoas responsáveis pela execução do poder (ou seja, não são os locais). Para justificar todo o processo, segundo o autor, inicia-se o conjunto de argumentos racistas quanto à cultura do outro, disseminando, portanto, a ideia de inferioridade. E como vimos, a ideia de raça perpassa todo o processo colonizador e “civilizatório” para a sua manutenção.

Proposta epistemológica do pensamento decolonial

Como já retratamos, a decolonialidade apresenta-se como luta e resistência contra os padrões de poder e, de acordo com Walsh^{CXX}, existe há mais de 500 anos. Portanto, a sua existência/reexistência emerge ao passo que se afirmam/reafirmam as colonialidades. Dessa maneira, os participantes do grupo Modernidade/Colonialidade, segundo Oliveira e Candau^{CXXI}, têm por iniciativa a realização de “críticas de pensamento produzidas a partir da América Latina, assim como com autores de outros lugares do mundo, na perspectiva da decolonialidade da existência, do conhecimento e do poder.”^{CXXII}

Neste contexto, apresentaremos o autor Boaventura^{CXXIII} a partir do Pensamento Abissal, para assinalarmos, em linhas gerais, a proposta do autor em uma epistemologia que remete criticamente ao pensamento eurocêntrico e à forma como podemos agir e pensar para romper com as barreiras da colonialidade, que é um processo amplo e profundo, presente na atualidade ditando formas de pensar, ser e agir e, também, se reconfigurando para manter sua dominação.

O pensamento abissal que Boaventura^{CXXIV} conceitua refere-se à distinção entre visíveis (metrópoles) e invisíveis (territórios coloniais) por meio de linhas criadas, como a do Tratado de Tordesilhas, que Boaventura entende como a primeira linha divisória. O autor aponta que o lado invisível é visto pelo visível como parte inexistente, ou seja, que não produz nada relevante. O conhecimento, por exemplo, é considerado por Boaventura como uma linha global epistemológica (a outra linha global é a jurídica), e nesta perspectiva os saberes são invisibilizados, admitindo-se somente o conhecimento da parte visível.

Diante disto, segundo o autor, não há a admissão de mais de uma forma de conhecimento. Assim, para os visíveis, “Do outro lado da linha, não há conhecimento real; existem crenças, opiniões, magia, idolatria, entendimentos intuitivos ou subjetivos, que, na melhor das hipóteses, podem tornar-se objetos ou matéria-prima para a inquirição científica.”^{CXXV}

Diante desse pensamento abissal, Boaventura propõe o pensamento pós-abissal que somente é possível pelo reconhecimento da sua existência abissal, possibilitando o pensar e agir para além dele. No entanto, deve-se ir contra o pensamento abissal, o que significa uma “ruptura radical com as formas ocidentais modernas de pensamento e acção.”^{CXXVI} Com isso, o autor refere-se à emergência de epistemologias do sul, epistemologias que sejam ecológicas, pois devem envolver conhecimentos plurais e, conseqüentemente, uma relação mais próxima e contra hegemônica entre os conhecimentos científicos e os outros saberes.

O PENSAMENTO DECOLONIAL: CONCIETOS PARA PENSAR UMA PRÁTICA DE PESQUISA DE RESISTÊNCIA

ELIZABETH DE SOUZA OLIVEIRA
MARIZETE LUCINI

Para a continuidade da conversação

A iniciativa deste artigo foi a de identificar algumas das categorias e conceitos do pensamento decolonial. Para isso, realizamos uma explanação mais geral e didática sobre o que significa decolonialidade e algumas das suas categorias e conceitos que são necessários para o seu entendimento. Discutimos, portanto, sobre a diferenciação de colonialismo e colonialidade, modernidade e colonialidade e a constituição da tríade modernidade/colonialidade/decolonialidade, como também sobre as formas de colonialidade: a do poder, do saber e do ser, atrelando, por fim, a ideia de raça.

Introdutoriamente, explicamos como surgiu a ideia deste artigo e, por conseguinte, determinamos qual a nossa pergunta-chave, que é: O que se entende por pensamento decolonial? Para tal pergunta, podemos, sumariamente, inferir que o pensamento decolonial apresenta-se, entre os autores lidos, com três significados que se interligam: 1. Teoria (Viés de pensamento que possui suas próprias categorias e conceitos para pensar a experiência colonizadora); 2. Conceito histórico (conceito que se apresenta como contradição à colonialidade); por último, mas também muito importante para a decolonialidade, 3. Posicionamento político (a práxis que Walsh^{CXXVII} remete como propriedade intrínseca do pensamento, pois, por essa práxis, há a denúncia, a luta).

Em outras palavras, a decolonialidade como conceito constitui-se pela existência da colonialidade, e ambas estão ocultadas pela modernidade, que exerce um poder ilusório dentro de um sistema-mundo moderno capitalista. Assim, a decolonialidade atua como luta e resistência contra as colonialidades impostas aos grupos subalternos e contra o padrão de poder, e a sua teorização se dá a partir da “construção alternativa à modernidade eurocêntrica, tanto no seu projeto de civilização quanto em suas propostas epistêmicas”, a exemplo da proposta de pensamento pós-abissal de Boaventura.^{CXXVIII}

Para chegarmos a esta inferência, conduzimos nossa escrita contemplando conceitos importantes para pensar a decolonialidade. Contudo, a conversação permanece em aberto, principalmente na possibilidade de analisarmos questões de pesquisa com uma abordagem decolonial, que evidencie as relações de subalternidade que podem ser produzidas ao adotarmos uma perspectiva de análise aliada ao pensamento colonizador. Mais do que uma opção teórica, pensar a partir do pensamento decolonial pode significar resistir à dominação epistêmica que também é, talvez, uma das mais significativas formas de colonizar.

Notas

^I Mestranda em Educação (PPGED/UFS) e participante do Grupo de Pesquisa Educação, História e Interculturalidade (GPEHI). Graduada em História pela UFS (2018). O presente trabalho foi desenvolvido com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES). E-mail: eliza.oliveira@hotmail.com.br

^{II} Professora na Universidade Federal de Sergipe. Licenciada em História pela UNISC (1993), mestre em Educação pela UNISINOS (1999) e doutora em Educação pela UNICAMP (2007). Atua no departamento de Educação e é orientadora no PPGED/UFS e no Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História UFRJ/UFS. É líder do GPEHI e participa do GPECS na UFS.

^{III} A abordagem que nos dedicaremos surgiu pela indicação feita pela professora Dra. Ilka Miglio Mesquita após a leitura da fonte de pesquisa do mestrado. A pesquisa de mestrado em Educação pelo PPGED/UFS em que nos debruçamos, em linhas gerais, busca compreender a formação de valores pelo livro de leitura “Cousas

O PENSAMENTO DECOLONIAL: CONCIETOS PARA PENSAR UMA PRÁTICA DE PESQUISA DE RESISTÊNCIA

ELIZABETH DE SOUZA OLIVEIRA
MARIZETE LUCINI

Brasileiras” de Romão Puiggari, publicado originalmente em 1896, para crianças do terceiro ano do ensino preliminar. A problematização, que se inscreve como possibilidades de leitura da fonte, indica uma análise histórica da fonte, livro de leitura, produzido no final do século XIX. A sugestão se engendra, para além desta primeira possibilidade, como caminho de aproximação da pesquisa de mestrado às pesquisas que são elaboradas pela professora Dra. Marizete Lucini e pelo Grupo de Pesquisa em Educação, História e Interculturalidade (GPEHI), que já apontavam caminhos alternativos para a condução da pesquisa, uma vez que a proposta que inicialmente vinha sendo desenvolvida no mestrado possuía um caminho e uma proposta de leitura de fonte diferente. No entanto, por eventualidades acadêmicas, fui acolhida pela orientadora professora Dra. Marizete Lucini e pelo grupo GPEHI.

^{IV} Adiante apresentaremos as formas que o processo colonizador adquiriu para dar continuidade à colonização.

^V “resistência e recusa” (tradução nossa).

^{VI} MIGNOLO, Walter D.; WALSH, Catherine E. **Decoloniality: Concepts, analytics, praxis**. Duke University Press, 2018. p. 17.

^{VII} MIGNOLO, Walter; LINERA, Álvaro García. **Interculturalidad, descolonización del estado y del conocimiento**. Ediciones del Signo, 2006.

^{VIII} WALSH, Catherine E.; MIGNOLO, Walter; LINERA, Álvaro García. **Interculturalidad, descolonización del estado y del conocimiento**. Ediciones del Signo, 2006.

^{IX} MIGNOLO, Walter D.; WALSH, Catherine E. **Decoloniality: Concepts, analytics, praxis**. Duke University Press, 2018.

^X “Decolonialidade necessariamente segue, deriva e responde à colonialidade e ao processo e condição colonial em andamento. É uma forma de luta e sobrevivência, uma resposta e prática epistêmica e baseada na existência – mais especialmente por sujeitos colonizados e racializados – contra a matriz colonial de poder em todas as suas dimensões, e pelas possibilidades de uma maneira diferente.”. (Tradução nossa).

^{XI} MIGNOLO, Walter D.; WALSH, Catherine E. **Decoloniality: Concepts, analytics, praxis**. Duke University Press, 2018. p. 17.

^{XII} BERNARDINO-COSTA, Joaze; GROSGOUEL, Ramón. Decolonialidade e perspectiva negra. **Sociedade e Estado**, v. 31, n. 1, p. 15-24, 2016.

^{XIII} RESTREPO, Eduardo; MARTÍNEZ, Axel Alejandro Rojas. **Inflexión decolonial: fuentes, conceptos y cuestionamientos**. Popayán: Universidad del Cauca, 2010.

^{XIV} BERNARDINO-COSTA, Joaze; GROSGOUEL, Ramón. Decolonialidade e perspectiva negra. **Sociedade e Estado**, v. 31, n. 1, p. 15-24, 2016.

^{XV} BALLESTRIN, Luciana. O giro decolonial e a América Latina. **Revista Brasileira de Ciência Política**, n. 11, 2013. p. 89-116.

^{XVI} BALLESTRIN, Luciana. O giro decolonial e a América Latina. **Revista Brasileira de Ciência Política**, n. 11, 2013. p. 89.

^{XVII} WALSH, Catherine E.; MIGNOLO, Walter; LINERA, Álvaro García. **Interculturalidad, descolonización del estado y del conocimiento**. Ediciones del Signo, 2006.

^{XVIII} MIGNOLO, Walter D.; WALSH, Catherine E. **Decoloniality: Concepts, analytics, praxis**. Duke University Press, 2018.

^{XIX} WALSH, Catherine E.; MIGNOLO, Walter; LINERA, Álvaro García. **Interculturalidad, descolonización del estado y del conocimiento**. Ediciones del Signo, 2006.

^{XX} WALSH, Catherine E.; MIGNOLO, Walter; LINERA, Álvaro García. **Interculturalidad, descolonización del estado y del conocimiento**. Ediciones del Signo, 2006. p. 87.

^{XXI} MALDONADO-TORRES, Nelson. La descolonización y el giro des-colonial. **Tabula rasa**, n. 9, p. 61-72, 2008.

^{XXII} “Projeto moderno de morte e desumanização.”. (Tradução nossa).

^{XXIII} MALDONADO-TORRES, Nelson. La descolonización y el giro des-colonial. **Tabula rasa**, n. 9, 2008. p. 66.

^{XXIV} MALDONADO-TORRES, Nelson. La descolonización y el giro des-colonial. **Tabula rasa**, n. 9, p. 61-72, 2008.

^{XXV} MALDONADO-TORRES, Nelson. Transdisciplinaridade e decolonialidade. **Sociedade e estado**, v. 31, n. 1, p. 75-97, 2016.

O PENSAMENTO DECOLONIAL: CONCIETOS PARA PENSAR UMA PRÁTICA DE PESQUISA DE RESISTÊNCIA

ELIZABETH DE SOUZA OLIVEIRA
MARIZETE LUCINI

- ^{xxvi} “A mudança da atitude racista ou individualista natural da modernidade para a atitude decolonial de cooperação na ruptura com o mundo da morte colonial é o momento mais fundamental do giro decolonial.” (Tradução nossa).
- ^{xxvii} MALDONADO-TORRES, Nelson. La descolonización y el giro des-colonial. *Tabula rasa*, n. 9, 2008. p. 66-67.
- ^{xxviii} MALDONADO-TORRES, Nelson. Transdisciplinaridade e decolonialidade. *Sociedade e estado*, v. 31, n. 1, 2016. p. 88.
- ^{xxix} MIGNOLO, Walter D.; WALSH, Catherine E. **Ondecoloniality: Concepts, analytics, praxis**. Duke University Press, 2018.
- ^{xxx} RESTREPO, Eduardo; MARTÍNEZ, Axel Alejandro Rojas. **Inflexión decolonial: fuentes, conceptos y cuestionamientos**. Popayán: Universidad del Cauca, 2010.
- ^{xxxi} MIGNOLO, Walter D.; WALSH, Catherine E. **Ondecoloniality: Concepts, analytics, praxis**. Duke University Press, 2018.
- ^{xxxii} Dedicaremos um tópico para tratar da teoria sistema-mundo de Immanuel Wallerstein.
- ^{xxxiii} WALSH, Catherine E.; MIGNOLO, Walter; LINERA, Álvaro García. **Interculturalidad, descolonización del estado y del conocimiento**. Ediciones del Signo, 2006. p. 83-87.
- ^{xxxiv} MIGNOLO, Walter D.; WALSH, Catherine E. **Ondecoloniality: Concepts, analytics, praxis**. Duke University Press, 2018. p. 116.
- ^{xxxv} WALLERSTEIN, Immanuel. Creación del sistema mundial moderno. **Un mundo jamás imaginado**. 1992. p. 5.
- ^{xxxvi} QUIJANO, Aníbal. Colonialidad del poder y clasificación social. In: CASTRO-GÓMEZ, S.; GROSGOUEL, R. (Orgs.). **El giro decolonial**. Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global. Bogotá: Universidad Javeriana-Instituto Pensar, Universidad Central-IESCO, Siglo del Hombre Editores, 2007. p. 93.
- ^{xxxvii} BERNARDINO-COSTA, Joaze; GROSGOUEL, Ramón. Decolonialidade e perspectiva negra. *Sociedade e Estado*, v. 31, n. 1, 2016. P. 17.
- ^{xxxviii} WALLERSTEIN, Immanuel. Creación del sistema mundial moderno. **Un mundo jamás imaginado**, p. 1-8, 1992.
- ^{xxxix} O conceito de Sistema-Mundo difundido por Wallerstein é importante para o pensamento decolonial, pois, se organiza a partir do entendimento da economia-mundo capitalista. Este capitalismo, por sua vez, é o que possui maior duração entre os tipos de organização da economia-mundo. Assim, esse sistema-mundo é o que pauta a organização mundial pela, por exemplo, criação de instituições (mercado, família, classes, identidades) que correspondem ao modelo de sistema-mundo.
- ^{xl} “[...] o produto e a justificação das desigualdades entre as zonas centrais e as zonas periféricas da economia-mundo capitalista. Se manifesta política, econômica e culturalmente em nossa forma de pensar, falar e proceder. A colonialidade se reproduz assim mesmo, apesar de as pessoas que se encontram nos níveis mais baixos da hierarquia tratam, obviamente, de lutar contra ela.” (Tradução nossa).
- ^{xli} WALLERSTEIN, Immanuel. Creación del sistema mundial moderno. **Un mundo jamás imaginado**, p. 1-8, 1992. p. 6.
- ^{xlii} QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder e classificação social. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. **Epistemologias do sul**. 2009. p. 73
- ^{xliii} MIGNOLO, Walter D.; WALSH, Catherine E. **Ondecoloniality: Concepts, analytics, praxis**. Duke University Press, 2018.
- ^{xliv} MIGNOLO, Walter D.; WALSH, Catherine E. **Ondecoloniality: Concepts, analytics, praxis**. Duke University Press, 2018.
- ^{xlv} “Seja por colonização, soberania, ou mecanismos de controle indiretos.” (Tradução nossa)
- ^{xlvi} MIGNOLO, Walter D.; WALSH, Catherine E. **Ondecoloniality: Concepts, analytics, praxis**. Duke University Press, 2018. p. 116.
- ^{xlvii} CÉSAIRE, Aimé. **Discurso sobre o colonialismo**. Trad. Noêmia de Sousa. Lisboa: Ed. Livraria Sá da Costa Editora, 1978.
- ^{xlviii} CÉSAIRE, Aimé. **Discurso sobre o colonialismo**. Trad. Noêmia de Sousa. Lisboa: Ed. Livraria Sá da Costa Editora, 1978.

O PENSAMENTO DECOLONIAL: CONCIETOS PARA PENSAR UMA PRÁTICA DE PESQUISA DE RESISTÊNCIA

ELIZABETH DE SOUZA OLIVEIRA
MARIZETE LUCINI

- ^{XLIX} FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Trad. Enilce Rocha e Lucy Magalhães, Juiz de Fora: UFJF, 1961. p. 39.
- ^L FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Trad. Enilce Rocha e Lucy Magalhães, Juiz de Fora: UFJF, 1961. p. 34.
- ^{LI} FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Trad. Enilce Rocha e Lucy Magalhães, Juiz de Fora: UFJF, 1961. p. 36.
- ^{LII} DUSSEL, Enrique. Europa, modernidad y eurocentrismo. In: LANDER, Edgardo; CASTRO-GÓMEZ, Santiago. **La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales: perspectivas latinoamericanas**. Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales-CLACSO, 2000. p. 39-51.
- ^{LIII} DUSSEL, Enrique. Europa, modernidad y eurocentrismo. In: LANDER, Edgardo; CASTRO-GÓMEZ, Santiago. **La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales: perspectivas latinoamericanas**. Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales-CLACSO, 2000. p. 45.
- ^{LIV} QUIJANO, Aníbal. Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina. In: LANDER, Edgardo; CASTRO-GÓMEZ, Santiago. **La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales: perspectivas latinoamericanas**. Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales-CLACSO, 2000. p. 193-238.
- ^{LV} WALSH, Catherine E.; MIGNOLO, Walter; LINERA, Álvaro García. **Interculturalidad, descolonización del estado y del conocimiento**. Ediciones del Signo, 2006.
- ^{LVI} MIGNOLO, Walter D.; WALSH, Catherine E. **Indecoloniality: Concepts, analytics, praxis**. Duke University Press, 2018.
- ^{LVII} WALSH, Catherine E.; MIGNOLO, Walter; LINERA, Álvaro García. **Interculturalidad, descolonización del estado y del conocimiento**. Ediciones del Signo, 2006.
- ^{LVIII} “Monstro de três cabeças” (Tradução nossa).
- ^{LIX} “retórica de salvação e progresso” (Tradução Nossa).
- ^{LX} WALSH, Catherine E.; MIGNOLO, Walter; LINERA, Álvaro García. **Interculturalidad, descolonización del estado y del conocimiento**. Ediciones del Signo, 2006. p. 86.
- ^{LXI} Segundo Restrepo e Rojas, o eurocentrismo é uma categoria em que o pensamento decolonial dedica-se em criticar, pois, ele constitui-se a partir da ideia de um conhecimento “sin sujeto, sin historia, sin relaciones de poder”. E, por isso, o pensamento decolonial se opõe e propõe que se reconheça o conhecimento historicamente, corporalmente e geopoliticamente.
- ^{LXII} O etnocentrismo, segundo Restrepo e Rojas, é o entendimento de que a forma de vida e as concepções são superiores as outras culturas.
- ^{LXIII} O sociocentrismo, segundo Restrepo e Rojas, refere-se a inferiorização “[...] de las costumbres e ideologías de sectores sociales distintos a los que se pertenece por considerarlos desacertados o de mal gusto.”.
- ^{LXIV} MIGNOLO, Walter D.; WALSH, Catherine E. **Indecoloniality: Concepts, analytics, praxis**. Duke University Press, 2018.
- ^{LXV} WALSH, Catherine E.; MIGNOLO, Walter; LINERA, Álvaro García. **Interculturalidad, descolonización del estado y del conocimiento**. Ediciones del Signo, 2006.
- ^{LXVI} WALSH, Catherine E.; MIGNOLO, Walter; LINERA, Álvaro García. **Interculturalidad, descolonización del estado y del conocimiento**. Ediciones del Signo, 2006. p. 87.
- ^{LXVII} “[...] é então a energia que não se deixa manejar pela lógica da colonialidade nem acreditar nos contos de fadas da retórica da modernidade.”. (Tradução nossa).
- ^{LXVIII} MIGNOLO, Walter D.; WALSH, Catherine E. **Indecoloniality: Concepts, analytics, praxis**. Duke University Press, 2018.
- ^{LXIX} MIGNOLO, Walter D.; WALSH, Catherine E. **Indecoloniality: Concepts, analytics, praxis**. Duke University Press, 2018.
- ^{LXX} MIGNOLO, Walter D.; WALSH, Catherine E. **Indecoloniality: Concepts, analytics, praxis**. Duke University Press, 2018.
- ^{LXXI} QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder e classificação social. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. **Epistemologias do sul**. 2009. p. 73-118.
- ^{LXXII} WALSH, Catherine E.; MIGNOLO, Walter; LINERA, Álvaro García. **Interculturalidad, descolonización del estado y del conocimiento**. Ediciones del Signo, 2006.

O PENSAMENTO DECOLONIAL: CONCIETOS PARA PENSAR UMA PRÁTICA DE PESQUISA DE RESISTÊNCIA

ELIZABETH DE SOUZA OLIVEIRA
MARIZETE LUCINI

- LXXIII QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder e classificação social. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. **Epistemologias do sul**. 2009. p. 73-118.
- LXXIV RESTREPO, Eduardo; MARTÍNEZ, Axel Alejandro Rojas. **Inflexióndecolonial: fuentes, conceptos y cuestionamientos**. Popayán: Universidad del Cauca, 2010.
- LXXV “[...] colonialidade é um padrão ou matriz de poder que estrutura o sistema mundo moderno, em que o trabalho, as subjetividades, os conhecimentos, os lugares e os seres humanos do planeta são hierarquizados e governados a partir de sua racialização, no quadro de operações de certo modo de produção e distribuição de riqueza.” (Tradução nossa).
- LXXVI RESTREPO, Eduardo; MARTÍNEZ, Axel Alejandro Rojas. **Inflexióndecolonial: fuentes, conceptos y cuestionamientos**. Popayán: Universidad del Cauca, 2010. p. 16.
- LXXVII MIGNOLO, Walter D.; WALSH, Catherine E. **Ondecoloniality: Concepts, analytics, praxis**. Duke University Press, 2018. p. 114.
- LXXVIII “[...] é um conjunto de relações e fluxos estruturais constitutivos de uma entidade (conceitual ou mecânica, como no filme The Matrix.” (Tradução Nossa).
- LXXIX MIGNOLO, Walter D.; WALSH, Catherine E. **Ondecoloniality: Concepts, analytics, praxis**. Duke University Press, 2018. p. 114.
- LXXX MIGNOLO, Walter D.; WALSH, Catherine E. **Ondecoloniality: Concepts, analytics, praxis**. Duke University Press, 2018. p. 114.
- LXXXI MIGNOLO, Walter. **Desobediencia epistémica: retórica de lamodernidad, lógica de lacolonialidad y gramática de ladescolonialidad**. Ediciones del signo, 2010. p. 12.
- LXXXII RESTREPO, Eduardo; MARTÍNEZ, Axel Alejandro Rojas. **Inflexióndecolonial: fuentes, conceptos y cuestionamientos**. Popayán: Universidad del Cauca, 2010.
- LXXXIII “[...] governo dos outros e de si em nome da verdade produzida pelo conhecimento especializado (do teólogo, filósofo, gramático ou científico)” (Tradução nossa).
- LXXXIV RESTREPO, Eduardo; MARTÍNEZ, Axel Alejandro Rojas. **Inflexióndecolonial: fuentes, conceptos y cuestionamientos**. Popayán: Universidad del Cauca, 2010. p. 137.
- LXXXV QUIJANO, Aníbal. Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina. In: LANDER, Edgardo; CASTRO-GÓMEZ, Santiago. **La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales: perspectivas latinoamericanas**. Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales-CLACSO, 2000. p. 193-238.
- LXXXVI WALSH, Catherine E.; MIGNOLO, Walter; LINERA, Álvaro García. **Interculturalidad, descolonización del estado y del conocimiento**. Ediciones del Signo, 2006.
- LXXXVII “Isto é, levar-nos a aceitar que não existem outras formas de pensamento, de teoria política ou de política econômica, de ontologia além da do ser ou da ciência que não a da História que vai desde Copérnico até as Guerras nas Estrelas e de Hipócrates à genômica.” (Tradução nossa).
- LXXXVIII WALSH, Catherine E.; MIGNOLO, Walter; LINERA, Álvaro García. **Interculturalidad, descolonización del estado y del conocimiento**. Ediciones del Signo, 2006. p. 11.
- LXXXIX Immanuel Wallerstein (2004) discute sobre a universalidade como parte do sistema-mundo moderno que surge com componente na manutenção da economia-mundo capitalista. Essa universalização é a difusão de um padrão que dita a organização social, familiar, etc.
- XC MALDONADO-TORRES, Nelson. La descolonización y el giro des-colonial. **Tabula rasa**, n. 9, p. 61-72, 2008.
- XCI WALSH, Catherine E.; MIGNOLO, Walter; LINERA, Álvaro García. **Interculturalidad, descolonización del estado y del conocimiento**. Ediciones del Signo, 2006. p. 13.
- XCII WALSH, Catherine E.; MIGNOLO, Walter; LINERA, Álvaro García. **Interculturalidad, descolonización del estado y del conocimiento**. Ediciones del Signo, 2006. p. 36.
- XCIII MIGNOLO, Walter. Colonialidade: O lado mais escuro da modernidade. Trad. Marco Oliveira. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, 2017, p. 1-18.
- XCIV MIGNOLO, Walter. Colonialidade: O lado mais escuro da modernidade. Trad. Marco Oliveira. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, 2017, p. 8.
- XCv WALSH, Catherine E.; MIGNOLO, Walter; LINERA, Álvaro García. **Interculturalidad, descolonización del estado y del conocimiento**. Ediciones del Signo, 2006.

O PENSAMENTO DECOLONIAL: CONCIETOS PARA PENSAR UMA PRÁTICA DE PESQUISA DE RESISTÊNCIA

ELIZABETH DE SOUZA OLIVEIRA
MARIZETE LUCINI

^{xcvi} WALSH, Catherine E.; MIGNOLO, Walter; LINERA, Álvaro García. **Interculturalidad, descolonización del estado y del conocimiento**. Ediciones del Signo, 2006. p. 40.

^{xcvii} MIGNOLO, Walter. Colonialidade: O lado mais escuro da modernidade. Trad. Marco Oliveira. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. 2017, p. 9.

^{xcviii} QUIJANO, Aníbal. Colonialidad del poder y clasificación social. In: CASTRO-GÓMEZ, S.; GROSFOGUEL, R. (Orgs.). **El giro decolonial**. Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global. Bogotá: Universidad Javeriana-Instituto Pensar, Universidad Central-IESCO, Siglo del Hombre Editores, 2007. p. 93-126.

^{xcix} QUIJANO, Aníbal. Colonialidad del poder, cultura y conocimiento en América Latina. **Dispositivo**, v. 24, n. 51, p. 137-148, 1999.

^c “[...] a ideia de raça foi um modo de outorgar legitimidade às relações de dominação impostas pela conquista.” (Tradução nossa).

^{ci} QUIJANO, Aníbal. Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina. In: LANDER, Edgardo; CASTRO-GÓMEZ, Santiago. **La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales: perspectivas latinoamericanas**. Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales-CLACSO, 2000. p. 195.

^{cii} Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina. In: LANDER, Edgardo; CASTRO-GÓMEZ, Santiago. **La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales: perspectivas latinoamericanas**. Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales-CLACSO, 2000. p. 193-238.

^{ciii} “[...] raça e identidade racial foram estabelecidas como instrumentos de classificação social básica da população.” (Tradução nossa).

^{civ} QUIJANO, Aníbal. Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina. In: LANDER, Edgardo; CASTRO-GÓMEZ, Santiago. **La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales: perspectivas latinoamericanas**. Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales-CLACSO, 2000. P. 194.

^{cv} “Desde então, tem demonstrado ser o mais eficaz e duradouro instrumento de dominação social universal, [...] raça tornou-se o primeiro critério fundamental para a distribuição da população mundial nas fileiras, lugares e papéis na estrutura de poder da nova sociedade. Em outros termos, no modo básico de classificação social universal da população mundial.” (Tradução nossa).

^{cvi} QUIJANO, Aníbal. Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina. In: LANDER, Edgardo; CASTRO-GÓMEZ, Santiago. **La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales: perspectivas latinoamericanas**. Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales-CLACSO, 2000. p. 195.

^{cvi} Wallerstein (2004) WALLERSTEIN, Immanuel. **World-systems analysis**. Durham, London, 2004.

^{cvi} “[...] convulsão intelectual que foi seguida pelo choque cultural das revoluções de 1968.” (Tradução nossa).

^{cix} WALLERSTEIN, Immanuel. **World-systems analysis**. Durham, London, 2004. p. 16.

^{cx} “[...] sobre sistemas, economias, impérios que são um mundo (mas muito possivelmente, e de fato geralmente, não abrangendo todo o globo).” (Tradução nossa).

^{cx} WALLERSTEIN, Immanuel. **World-systems analysis**. Durham, London, 2004. p. 17.

^{cxii} Segundo Wallerstein, “The World in which we are now living, the modern world-system, had its origins in the sixteenth century. This world-system was then located in only a part of the globe, primarily in part of Europe and the Americas. It expanded over time to cover the whole globe. It is and has always been a world-economy. It is and has always been a capitalist world-economy.” “O mundo em que nós vivemos agora, o sistema-mundo moderno, tem origem no século XVI. Esse sistema-mundo foi então localizado em apenas uma parte do globo, primeiramente em partes da Europa e nas Américas. Expandiu-se ao longo do tempo até cobrir todo o globo. É e sempre foi uma economia-mundo. É e sempre foi uma economia-mundo capitalista.” (Tradução nossa).

^{cxiii} A economia-mundo, segundo Wallerstein, é uma “larga zona geográfica” que se configura pela divisão de trabalho e troca interna de bens. Esta economia-mundo funciona por meio da existência de estados que estão vinculados por um sistema interestatal, que, além disto, envolve uma gama de culturas (o que nomeia de Geocultura). Com isso o autor busca afirmar que em uma economia-mundo não tem espaço para homogeneidade política, nem mesmo cultural. Deve existir uma coexistência e sua teoria delinea o funcionamento desse sistema-mundo com base nessa economia-mundo partindo desse princípio.

^{cxiv} A longa duração (*longue durée*) é a perspectiva em que se introduz ao se trabalhar com a análise do sistema-mundo moderno de Wallerstein.

O PENSAMENTO DECOLONIAL: CONCIETOS PARA PENSAR UMA PRÁTICA DE PESQUISA DE RESISTÊNCIA

ELIZABETH DE SOUZA OLIVEIRA
MARIZETE LUCINI

- CXV “Esses grupos de status ou identidades são os numerosos “povos” dos quais todos nós somos nações-membro, raças, grupos étnicos, comunidades religiosas, mas também gêneros e categorias de preferências sexuais.”. (Tradução nossa).
- CXVI WALLERSTEIN, Immanuel. **World-systems analysis**. Durham, London, 2004. p. 36.
- CXVII Em consonância com Bernadino-Costa e Grosfoguel, entendemos aqui que a modernidade foi uma condição possibilitada somente pelo colonialismo.
- CXVIII “[...] unidades administrativas que foram definidas como não soberanas e que estão sob a jurisdição de outro Estado, normalmente distante.”. (Tradução nossa).
- CXIX WALLERSTEIN, Immanuel. **World-systems analysis**. Durham, London, 2004. p. 55.
- CXX MIGNOLO, Walter D.; WALSH, Catherine E. **Ondecoloniality: Concepts, analytics, praxis**. Duke University Press, 2018.
- CXXI OLIVEIRA, Luiz Fernandes de; CANDAU, Vera Maria Ferrão. Pedagogia decolonial e educação antirracista e intercultural no Brasil. **Educação em revista**, v. 26, n. 1, p. 15-40, 2010.
- CXXII OLIVEIRA, Luiz Fernandes de; CANDAU, Vera Maria Ferrão. Pedagogia decolonial e educação antirracista e intercultural no Brasil. **Educação em revista**, v. 26, n. 1, p. 15-40, 2010. p. 24.
- CXXIII SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do Pensamento Abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. **Epistemologias do sul**. 2009. p. 23-72.
- CXXIV SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do Pensamento Abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. **Epistemologias do sul**. 2009. p. 23-72.
- CXXV SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do Pensamento Abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. **Epistemologias do sul**. 2009. p. 25.
- CXXVI SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do Pensamento Abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. **Epistemologias do sul**. 2009. p. 44.
- CXXVII MIGNOLO, Walter D.; WALSH, Catherine E. **Ondecoloniality: Concepts, analytics, praxis**. Duke University Press, 2018.
- CXXVIII OLIVEIRA, Luiz Fernandes de; CANDAU, Vera Maria Ferrão. Pedagogia decolonial e educação antirracista e intercultural no Brasil. **Educação em revista**, v. 26, n. 1, p. 15-40, 2010. p. 17.

Referências

- BALLESTRIN, Luciana. O giro decolonial e a América Latina. **Revista Brasileira de Ciência Política**, n. 11, p. 89-116, 2013.
- BERNARDINO-COSTA, Joaze; GROSGOQUEL, Ramón. Decolonialidade e perspectiva negra. **Sociedade e Estado**, v. 31, n. 1, p. 15-24, 2016.
- CÉSAIRE, Aimé. **Discurso sobre o colonialismo**. Trad. Noêmia de Sousa. Lisboa: Ed. Livraria Sá da Costa Editora, 1978.
- DUSSEL, Enrique. Europa, modernidad y eurocentrismo. In: LANDER, Edgardo; CASTRO-GÓMEZ, Santiago. **La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales: perspectivas latinoamericanas**. Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales-CLACSO, 2000. p. 39-51.
- FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Trad. Enilce Rocha e Lucy Magalhães, Juiz de Fora: UFJF, 1961.
- MALDONADO-TORRES, Nelson. La descolonización y el giro des-colonial. **Tabula rasa**, n. 9, p. 61-72, 2008.

O PENSAMENTO DECOLONIAL: CONCIETOS PARA PENSAR UMA PRÁTICA DE PESQUISA DE RESISTÊNCIA

ELIZABETH DE SOUZA OLIVEIRA
MARIZETE LUCINI

_____. Transdisciplinaridade e decolonialidade. **Sociedade e estado**, v. 31, n. 1, p. 75-97, 2016.

MIGNOLO, Walter D.; WALSH, Catherine E. **Indecoloniality**: Concepts, analytics, praxis. Duke University Press, 2018.

_____. **Desobediencia epistémica**: retórica de lamodernidad, lógica de lacolonialidad y gramática de ladescolonialidad. Edicionesdel signo, 2010. p. 46-92.

MIGNOLO, Walter. **Colonialidade**: O lado mais escuro da modernidade. Trad. Marco Oliveira. Revista Brasileira de Ciências Sociais, 2017, p. 1-18.

OLIVEIRA, Luiz Fernandes de; CANDAU, Vera Maria Ferrão. Pedagogia decolonial e educação antirracista e intercultural no Brasil. **Educação em revista**, v. 26, n. 1, p. 15-40, 2010.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidaddel poder, cultura y conocimientoen América Latina. **Dispositio**, v. 24, n. 51, p. 137-148, 1999.

_____. Colonialidaddel poder, eurocentrismo y América Latina. In: LANDER, Edgardo; CASTRO-GÓMEZ, Santiago. **La colonialidaddel saber: eurocentrismo y cienciasociales: perspectivas latinoamericanas**. Buenos Aires: ConsejoLatinoamericano de CienciasSociales-CLACSO, 2000. p. 193-238.

_____. Colonialidade do poder e classificação social. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. **Epistemologias do sul**. 2009. p. 73-118.

RESTREPO, Eduardo; MARTÍNEZ, Axel Alejandro Rojas. **Inflexióndecolonial: fuentes, conceptos y cuestionamientos**.Popayán: Universidaddel Cauca, 2010.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do Pensamento Abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. **Epistemologias do sul**. 2009. p. 23-72.

WALLERSTEIN, Immanuel. Creacióndel sistema mundial moderno. **Un mundo jamás imaginado**, p. 1-8, 1992.

_____, Immanuel. **World-systems analysis**. Durham, London, 2004.

WALSH, Catherine E.; MIGNOLO, Walter; LINERA, Álvaro García. **Interculturalidad, descolonizacióndel estado y delconocimiento**.Edicionesdel Signo, 2006.

_____, Catherine. Interculturalidad crítica/pedagogia de-colonial. **Revista de Educação Técnica e Tecnológica Em Ciências Agrícolas**, v. 3, n. 6, p. 25-42, 2012.